

## EUDORO DE SOUSA E A COMPLEMENTARIDADE

Fernando Bastos

Prof. da UNB e Doutorando em Filosofia na  
UGF

Em **Sobre o humanismo** vaticina Heidegger — “o pensamento por vir já não é filosofia, porque ele pensará mais originariamente do que a metafísica, que é a mesma coisa que filosofia”. Tempo e espaço, aqui e agora, distante e próximo, atual e antigo, finito e infinito, contingente e eterno, são pro-jectos que o pensar e a experiência humana instituem sobre as coisas. Mas “por que há simplesmente o ente e não antes o Nada”, questiona Heidegger no começo da sua **Introdução à metafísica**.

De maneira análoga ao seu colega alemão Martin Heidegger, o pensador luso-brasileiro Eudoro de Sousa, assim cremos, pergunta pelo Ser, numa reflexão já não mais filosófica (considerada esta no seu sentido tradicional), mas, digamos, numa reflexão poético-filomfática.

Antes de vir para o Brasil, Eudoro de Sousa (nascido em Lisboa, em 27 de dezembro de 1911) realizou uma série de atividades docentes e de pesquisa na Europa, destacando-se seus trabalhos em Portugal, França e Alemanha. Em 1953 chega a São Paulo e em 1954 parte para Santa Catarina, onde permanece por volta de 7 anos. Por indicação de Agostinho da Silva, Darcy Ribeiro consegue trazer o mestre Eudoro de Sousa para Brasília. Aí, desde 1962, dedica-se à atividade intelectual na UnB, onde exerce a função de Prof. Titular.

Sua especialização em Cultura Clássica faz Eudoro de Sousa, numa das recentes e mais completas traduções da **Poética** ser o helenista vivo mais citado (**Poético de Aristóteles**, Edición Trilingüe por Valentín García Yebra, Editorial Gredos, Madrid, 1974). Contudo, sua formação de **Scholar** e de **Uomo universale** lhe permite percorrer as vicissitudes do Ser, desde o pensamento pré-socrático até as indagações da atualidade.

Pretensão vã e paradoxal seria a de explicar ou sistematizar o pensamento daquele que no Prefácio do livro **Mitologia** faz questão de frisar que seu trabalho “não é coletânea de mitos, nem filosofia da mitologia”; mas que “é, pura e simplesmente, mitologia.” Tal afirmativa, nos faz lembrar o aforismo do “filósofo” que segundo Eudoro de Sousa mais o influenciou: “o mito é o nada que é tudo”, nos diz Fernando Pessoa.

A estrutura do Real para o mestre de Brasília verifica-se numa utilização e ampliação poético-filomfática do princípio físico da complementariedade, princípio instituído pelo cientista dinamarquês Niels Bohr e compreendido por Eudoro de Sousa como origem e fundamento de todas as coisas. Desde **Teísmo, cosmobiologia e o princípio da complementariedade** ( Anais do III Congresso Nacional de Filosofia, São Paulo, 1960 ), **Arte e escatologia (idem)**, passando por inúmeros trabalhos, constatamos uma complementariedade mito-poética ou poético-filomfática como idéia-chave do pensamento de Eudoro de Sousa. Nas suas obras mais recentes, **Dioniso em Creta e outros ensaios** ( Duas cidades, São Paulo, 1973 ), **Horizonte e complementariedade** ( Duas cidades, São Paulo, 1975 ), **"Sempre o mesmo acerca do mesmo"** ( Cadernos da UnB, 1978 ), **Filosofia grega** ( Cadernos da UnB, 1978 ), **Mitologia** ( Cadernos da UnB, 1980 ), **História e mito** ( Cadernos da UnB, 1981 ), constatamos o mesmo princípio, naquela ampliação mito-poética, como a estrutura poético-filomfática de todo o Real.

Como nos lembra Eudoro de Sousa, em **Teísmo, cosmobiologia e o princípio da complementariedade**, "dois princípios fundamentais governam a física moderna. O princípio da definição operatória dos observáveis, que afirma que um objeto ou um conceito físico não é dado senão pelo método experimental em que ele, precisamente, se objetiva, e pela descrição do mesmo método. O outro princípio é o da complementariedade, segundo o qual são complementares ( o que, em primeira análise, significa que não têm valor próprio e absoluto ) os conceitos de posição e impulso ( espaço e tempo ), permanência e variação, contínuo e descontínuo ( onda e corpúsculo ), matéria e energia, determinação e indeterminação, etc." E nos alerta: "do horizonte profundo mensagens cifradas, de duas espécies, nos são enviadas; e porque as mensagens são de duas espécies, de duas espécies deviam ser os códigos de decifração." E assim concluímos sobre o "horizonte profundo" de que nos fala o mestre: suas mensagens e seus respectivos códigos são os referenciais que complementam o Real.

Em **Arte e escatologia** é o universo estético que se instaura sobre o princípio da complementariedade. Diz Eudoro de Sousa: "a arte cria imitando ou imita criando; a imitação poética e artística, é-o, não dos entes **originados**, mas da própria **origem** dos entes." E prossegue: "então digamos que a imitação clássica e a criação romântica fixaram sucessivamente dois aspectos de uma só realidade, que os compreende e os contém precisamente como o que são: aspectos parciais, parcialmente verídicos, em conjuntos, totalmente falsos, em separado." Desta maneira, mais uma vez se instaura a complementariedade, pois "a expressão poética deve ser considerada, não como outro modo de expressão do mundo não poeticamente expressável, mas como a de outro

mundo que, precisamente por ser **outro**, do mesmo modo se não pode expressar”, nos alerta Eudoro de Sousa.

**Em Horizonte e complementariedade**, esta se instaura entre mitologia e metafísica ( nos primeiros filósofos gregos ) como codificação do “mistério do horizonte”, ressaltando o autor que fica conscientemente na dúvida se são codificações paralelas ou convergentes. — “Para cá do horizonte, não há, talvez, o que não seja suscetível de expressão verbal direta e inequívoca; mas o que reside lá, no horizonte ou além dele, é sempre **o que é uma coisa e outra, não sendo nem uma nem outra**”, adverte Eudoro de Sousa. E aponta: “dia e noite, alma e corpo, espírito e matéria, e quantos pares de opostos se nos proponham e antepõem aquém-horizonte, absolvem-se, além, no que o discurso não alcança sem que a si próprio se negue, enrodilhando-se, a cada passo, em contradições insolúveis. Daí a necessária codificação. A cifra, chame-se-lhe símbolo ou idéia-chave, aponta para o que não pode ser dito: para Dia ou Noite, que é dia e noite, não sendo nem dia nem noite; para Alma ou Corpo, que é alma e corpo, não sendo nem alma nem corpo; para Espírito ou Matéria, que é espírito e matéria, não sendo nem espírito nem matéria, e assim por diante. Espiritualmente ou Materialismo, Idealismo ou Realismo, Racionalismo ou Empirismo, qualquer ismo que se tenha por crer ou por querer, é, na melhor das hipóteses, codificação lógica do mistério do horizonte, concorrendo com uma codificação mítica; e na pior, ideológica parcialidade de um pensar que, por voltado de costas para o horizonte, se apega a um dos termos de qualquer oposição, a fim de sustentar uma posição”, assinala o mesmo Eudoro de Sousa.

Na Conclusão ( Mitologia como Cosmofania ) do seu livro **Mitologia**, pondera Eudoro de Sousa: “Voltemos atrás. Mas que é o que ficou para trás? O mito que teria de ser biografia de um deus ou biografia dos deuses. Mas atrás também está isto: que um deus é origem e que origem não tem história. Porém, ainda há outra coisa que ficou para trás: o mito é primordialmente enredo do drama ritual em que se representa a origem. Agora, partamos daqui. Que é drama ritual, por excelência? Diria eu: o **Sacrifício**, mas não com o sentido etimológico de **sacrum facere**; só com o de dar morte ao deus que, morrendo, oferece sua vida ao mundo. Então, parece que rodeamos o obstáculo, se entendermos que no sacrifício está a teocriptia, como morte do deus que nos oferece sua vida, ou se oferece como vida do mundo. O deus reina ocultamente como Morte condicionante da Vida cósmica. O mito é relato de como **in illo tempore** num Outrora que é alma do corpo que é Lonjurô — tirada foi a vida de um deus, de como esse deus aceitou ou assumiu sua morte, de como a morte do deus está no meio da vida do mundo. Assim, a Cosmofania pode ser mito; pois a vida do mundo briginado é a da própria origem. O que no

mundo acontece são as malhas que o deus tece". Vemos complementar-se, deste modo, mais uma vez, origem e originado, deus e mundo, vida e morte, pelo surgimento do universo: cosmofania.

Creemos, agora, que o questionamento de Heidegger — "por que há simplesmente o ente e não antes o Nada" — poderia ser observado pelo prisma poético-filomítico em que Eudoro de Sousa reflete a complementariedade. Diz-nos o mestre no capítulo I ( Lonjura e Outrora ) do seu livro mais recente, **História e Mito**: "Lonjura e Outrora negam espaço e tempo determinados, mas quanto mais nos afastamos desse âmbito do indeterminado, mais eles se afirmam em sua determinação; ou, pelo menos, assim parece. Se digo lonjura, não nego só a proximidade, mas a proximidade e a distância, porque o distante sempre se poderá volver em próximo; basta caminhar de próximo em próximo, para que próximo nos venha a ser qualquer distante... Mas o certo é que antigüidades há muitas; tantas há quantos os momentos mais ou menos distanciados do atual, atual-atual ou atual-antigo. Porém o outrora é só um: **hora** que é **outra**, a hora que não é esta, que esta não é, em qualquer hora que tenha soado, que soe, que venha a soar. E aqui novamente se nos impõe a imagem do horizonte. O outrora seria a indimensionável — dimensão do tempo — que já não é tempo — de um além — horizonte"...